

CAPÍTULO 4

ADAPTAÇÃO DE CRIANÇAS PEQUENAS AO AMBIENTE ESCOLAR: A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE

Andiara Bonato Veronez Lopes

Elaine Conte

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A presente pesquisa tem sua relevância ancorada em três justificativas que são: pessoal, profissional, científica e social. A primeira está relacionada a um caso de adaptação de uma criança de três anos de idade presenciado numa escola de Educação Infantil, na qual a experiência pedagógica como professora em atuação causou grande inquietação. Desse episódio brotou a necessidade em investigar e aprofundar mais a questão da adaptação das crianças na Educação Infantil. A justificativa científica, por sua vez, relaciona-se com o desejo de contribuir com conhecimento original acerca de um tema tão delicado como é a adaptação das crianças na Educação Infantil. No atual contexto social contemporâneo, as crianças, por diversas razões, são inseridas na Educação Infantil com pouca idade o que dificulta o discernimento do motivo porque estão sendo separadas dos pais ou dos elos familiares com os seus cuidadores. Diante disso, é necessário aprofundamentos em pesquisas e debates em torno da recepção, da acolhida feita pelo educador no momento de ingresso da criança na Educação Infantil, dedicando um tempo maior e diferenciado para as crianças, para que ambos consigam estabelecer vínculos afetivos estreitos.

O ingresso de crianças nas escolas infantis não é um processo tão simples, prova disso é que esse período recebeu o nome de adaptação. O período de adaptação é uma das etapas mais importantes e, às vezes, uma situação difícil na vida da criança. É o tempo dado às crianças para que se acostumem à nova rotina. De acordo com Davini e Freire (1999), a adaptação é um grande período que abrange desde as entrevistas e visitas preliminares dos pais às escolas, bem como os primeiros dias e o primeiro ano de escolarização da criança. É durante esse período que ela irá se acostumar com situações novas, como dividir espaços, brinquedos e afeto. No entanto, momentos de adaptação fazem parte da sobrevivência humana e acontecem no fluxo das práticas educativas e formativas da própria existência. A capacidade de adaptação desenvolve-se cedo, a partir de invariantes biológicos inerentes representados por reflexos, tais como chupar ou agarrar. Segundo Piaget (1982), a adaptação só conduz a um sistema estável quando o equilíbrio entre a acomodação e assimilação foi alcançado.

Na Educação Infantil, as relações, regras e limites são diferentes daqueles do espaço doméstico e familiar a que a criança está acostumada. Segundo Nunes (1995), o ingresso de crianças na Educação Infantil tem ocorrido cada vez mais cedo, devido a diversos fatores, como, por exemplo, a intensificação do trabalho e o ingresso das mulheres no mercado de trabalho nas últimas décadas, o que dificulta mais ainda esse processo. O discernimento sobre os motivos da família de deixá-la na escola e ir embora é mais difícil quanto menor for a idade da criança, que, no entendimento de Bretherton e Beeghly-Smith (1981), ocorre a partir da metade do terceiro ano de vida. Diante disso, a necessidade de colocar as crianças mais cedo nas escolas exige a busca de profissionais mais qualificados para atuarem de modo cooperativo, respeitoso e empático com a criança.

É preciso entender que o processo de adaptação varia de criança para criança, e que precisamos respeitar o tempo, o jeito e os gostos de cada uma. No primeiro momento da adaptação, a criança passa pela fase de separação da mãe ou da pessoa que está vinculada afetivamente, o que pode significar uma perda para a criança. Alguns pais, em

acordo com as experiências de educadores da área, optam por fugirem da criança, ou seja, saírem no momento em que ela esteja brincando quando levam as crianças para a Educação Infantil. No entanto, esta atitude pode ser traumática, desesperadora e gerar medos atrelados ao abandono para muitas crianças. De acordo com Borges e Souza (2002, p. 30),

Essa atitude deixa clara a associação de separação com coisa ruim, que traz sofrimento, que não deve ser vista ou vivida, ou seja, encarada de frente. Fala também de como os vínculos de confiança começaram a ser construídos em bases distorcidas, que envolvem o mentir e o enganar.

Por isso, a necessidade de se despedir da criança, transmitindo-lhe segurança, deixando claro que mais tarde irá voltar para buscá-la que esse processo é necessário para aprender com os colegas educadores. Esse processo é importante para o desenvolvimento da autonomia, da autoconfiança e da autoestima no processo de interdependência escolar. É necessário que as crianças se sintam à vontade na escola, ou seja, que se sintam cuidadas, (auto)confiantes e seguras. Adaptar-se ou não à nova situação não é algo que depende somente da criança, mas também da forma como ela é acolhida pela escola, pela turma e, principalmente, pelo professor. A relação educador e educando inicia-se no primeiro contato, no olhar, na amorosidade e no cuidado com a criança que estamos educando.

Diante desse breve panorama, apresentamos a problemática da pesquisa: qual a relação entre o grau de afetividade do professor com a criança e o tempo de duração do processo de adaptação e reconhecimento mútuo. Portanto, objetivamos investigar a influência da afetividade na relação educador e educando no processo de adaptação em escolas de Educação Infantil.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa e exploratória de revisão de literatura sobre o assunto, bem como foi realizada uma análise de campo com o uso da técnica do questionário. Para fundamentar a investigação foram buscadas referências de autores que abordam temas relacionados à relação afetiva, planejamento, aprendizado e adaptação de crianças na Educação Infantil. Dessa maneira, após esta introdução tratamos mais minuciosamente da metodologia passando ao referencial teórico e, posteriormente, abordamos a análise e discussão dos dados levando em conta a complexidade do processo de adaptação e as considerações finais.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Em termos metodológicos, a pesquisa é qualitativa e exploratória, sendo utilizada a pesquisa bibliográfica e a de campo por meio da técnica do questionário. Para justificar a pesquisa buscamos referências em pesquisadores e interlocutores que abordam assuntos tais como: relação afetiva, planejamento, aprendizado e adaptação de crianças na Educação Infantil. Marconi e Lakatos (1999, p. 33) corroboram que “tanto os métodos quanto as técnicas devem adequar-se ao problema a ser estudado, às hipóteses levantadas e que se queira confirmar, e ao tipo de informantes com que se vai entrar em contato”. Além disso, destacam que:

[...] junto com o questionário deve-se enviar uma nota ou carta explicando a natureza da pesquisa, sua importância e a necessidade de obter respostas, tentando despertar o interesse do receptor para que ele preencha e devolva o questionário dentro de um prazo razoável (MARCONI; LAKATOS, 1999, p. 100).

A pesquisa de campo realizou-se em uma rede municipal de Canoas/RS, com 7 unidades de Educação Infantil. Aplicamos questionários com questões abertas junto aos coordenadores pedagógicos, diretores e educadores de turmas de zero a seis anos de idade. A escolha de perguntas abertas foi porque elas dão abertura para novos desdobramentos e contribuições dos saberes da experiência dos participantes da pesquisa. O roteiro de perguntas abrangeu questões relacionadas à postura ideal de professor na opinião dos participantes, na adaptação e acolhimento da criança que está chegando à escola. As questões elencadas foram: Qual é o seu tempo de experiência com a Educação Infantil?; Quais atividades são mais indicadas para o período de adaptação?; Como deve ser a recepção às crianças?; Como orientar os pais a preparar as crianças para a Educação Infantil?; Como deve ser feita a despedida dos familiares?; Os pais precisam estar presentes no período de adaptação?; O que fazer quando a

criança chora pela ausência dos pais?; Na sua opinião, criança que não chora já está adaptada?; Qual é o papel da família na adaptação?; E qual o papel da escola no processo de adaptação? Com essas perguntas observamos as falhas e o que há de equivocado nessas práticas contemporâneas de adaptação escolar, para projetarmos caminhos de relação dialógica, interpessoal, afetiva e que gere mudanças positivas nesses processos.

3 A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ADAPTAÇÃO

Existem diversos significados para o termo afetividade e que envolve questões como valores e atitudes, comportamento ético e moral, desenvolvimento social e pessoal, motivação, atribuição e interesse, ternura, inter-relação, empatia, constituição da subjetividade, emoções e sentimentos. Nesse trabalho vamos ao encontro da afirmação de Abbagnano (2007, p. 20), quando afirma que “o adjetivo afetivo será empregado conforme a atribuição filosófica, que designa em geral tudo o que se refere à esfera das emoções: estado, função ou condição de caráter genericamente emotivo, podendo referir-se a qualquer emoção, afeto ou paixão”.

De acordo com Bassedas (1999), o educador precisa dedicar um tempo mais individualizado a cada criança no momento da chegada, para poder estabelecer uma relação emocional e de vínculo interpessoal. Após essa fase de adaptação, a professora pode ser vista também como uma figura de apego. As crianças sentem-se seguras e afetivamente ligadas a ela, o que facilita o processo de adaptação escolar. “Embora seja usual que a mãe natural de uma criança seja sua principal figura de apego, o papel pode ser efetivamente assumido por outras pessoas” (BOWLBY, 2002, p. 222).

Na perspectiva de Alexandre e Vieira (2004), a teoria do apego evidencia a importância da ligação que se desenvolve entre o bebê e seu cuidador, para orientar o desenvolvimento afetivo, cognitivo e social da criança. É do educador o papel de construir um vínculo afetivo entre as crianças e os familiares, principalmente, a criança em fase de adaptação. Conforme diz Rapoport (2005, p. 19),

A ação pedagógica das educadoras pode ser considerada um dos fatores mais relevantes em termos de adaptação dos bebês à creche. A qualidade dos cuidados depende em grande parte da habilidade de as profissionais prestarem atenção em cada um e levarem em conta as reações individuais dos bebês.

A escola é o segundo grupo da escala social mais importante na vida das crianças, assim, segundo Rapoport et al. (2008), todas as professoras, independente do ano que atuam, devem demonstrar afetividade, compreensão e flexibilidade com seus educandos, em momentos de adaptação. Sintetizando, os sentimentos, as emoções, as sensações permitem detectar a presença de estímulos sensíveis à possibilidade de ensinar, aprender e desenvolver a inteligência emocional. Expressar a afetividade integra as condições de educar que pertencem ao ofício do educador. Para Codo (1999, p. 51), “[...] cuidar, educar requerem necessariamente a expressão da afetividade”. A presença do vínculo afetivo é importante porque pode ser usado como dispositivo facilitador ou como estratégia para aproximação do educando. “Se esta relação afetiva com os alunos não se estabelece, se os movimentos são bruscos e os passos fora do ritmo, é ilusório querer acreditar que o sucesso do educar será completo” (CODO, 1999, p. 50).

Quando falamos em afetividade estamos favorecendo a sua manifestação e ainda refletindo sobre as relações intrapessoais e o estado de disposição que pode tanto provocar novas relações, como amenizá-las ou acentuá-las. Segundo Piaget (1981, p.5), “[...] a afetividade é como se fosse a gasolina do motor, ou seja, o que nos leva a conhecer é a motivação interna, a dimensão do valor que projetamos em determinada ação ou objeto”. É preciso que o educador entenda que o afeto abrange ações complexas de formação da inteligência emocional e cognitiva, que vai muito além do simples gostar, no sentido de mobilizar estímulos, sensações e mundos diferentes. Silva e Kamianeky (2005, p. 144) argumentam que “ser afetivo não é simplesmente gostar e ser meigo, mas é conhecer a história pessoal e social do aluno”.

4 A SEPARAÇÃO MÃE-CRIANÇA OU A TEORIA DO APEGO

As observações sobre os cuidados na primeira infância, o desconforto e a ansiedade das crianças pequenas referente à separação dos cuidadores levaram Bowlby (1995) a investigar sobre os efeitos do cuidado materno nas crianças nos seus primeiros anos de vida. Dessa forma, o conceito da teoria do apego surgiu de um estudo sobre o vínculo desenvolvido pelos recém-nascidos com as mães e outros cuidadores. Quem iniciou esse estudo foi Bowlby, psicanalista e psiquiatra, que esteve em contato com crianças órfãs que apresentavam dificuldades após a Segunda Guerra Mundial. Rapoport (2001, p. 82) afirma que: muito além do simples gostar, no sentido de mobilizar estímulos, sensações e mundos diferentes. Silva e Kamianecy (2005, p. 144) argumentam que “ser afetivo não é simplesmente gostar e ser meigo, mas é conhecer a história pessoal e social do aluno”.

Não se podem examinar as questões teóricas sobre separação mãe-criança e suas consequências sobre o desenvolvimento infantil sem considerar os estudos realizados por Bowlby (1958,1968) que deram origem à teoria do apego. Uma das suas contribuições são as descrições que fez sobre as reações da criança à ausência materna e a relação destas reações com a sobrevivência das espécies.

Posteriormente, a teoria do apego foi enriquecida com os estudos de Mary Ainsworth, também psicanalista. Os estudos de Ainsworth (1963) sobre o apego abordaram fatores determinantes da proximidade-intimidade expressa no comportamento de interação das crianças com suas mães. A criação do apego durante os primeiros anos e cuidados do bebê é essencial para que a vivência da criança no futuro se desenvolva de forma sadia. Segundo Bowlby (1995, p. 13), “[...] esta relação com a mãe seria fundamental nos três primeiros anos de vida da criança, mas não devia ser exclusiva, sendo complementada pelos cuidados de outras figuras como pai, irmãos, parentes e outros”. A teoria do apego de Bowlby (1995), de acordo com Rapoport (2001, p. 82), “postula que a tendência para se estabelecerem fortes relações de apego com determinada pessoa é uma necessidade básica tão importante quanto a alimentação e o sexo”. Na teoria, o conceito de apego significa um vínculo ou ligação afetiva entre um indivíduo e uma figura de apego (cuidador). Conforme Rapoport (2001, p. 82), “o apego tem a função de sobrevivência, já que busca promover e manter uma proximidade segura com o cuidador principal. Essa teoria propõe que a criança se apega por instinto a quem a cuida, com a finalidade de sobreviver”.

Para Bowlby (1989) e Cassidy (1999), a teoria do apego traz consigo um outro conceito que é o do comportamento de apego, que se refere às ações de um sujeito para alcançar ou manter proximidade com o outro, sendo este identificado e considerado como mais apto para lidar com o mundo. De acordo com Bowlby (1984), a principal função atribuída a esse comportamento é biológica e corresponde a uma necessidade de segurança e proteção. Golse (1998) entende que o comportamento de apego é instintivo, evolui ao longo da vida, assim, não é herdado, mas o que se herda é o seu potencial ou o tipo de código genético que permite a espécie articular melhores resultados adaptativos, caracterizando sua evolução e preservação. A partir do momento em que surge o sentimento de segurança em relação ao outro responsável pelos seus cuidados, a criança acredita em si própria, torna-se independente, segura e com capacidade emocional e cognitiva explora seu direito de liberdade e autonomia.

5 A AFETIVIDADE E A DISPOSIÇÃO AO APRENDER

Atualmente, o papel do educador se tornou muito mais complexo e amplo, pois deixou de ser apenas o repassador de conhecimentos e informações e já se reconhece como um parceiro do aluno na construção de conhecimentos. Porém, tudo indica que grande maioria dos educadores carece de formação da inteligência afetiva. Para Ribeiro (2010, p. 405), “uma formação que vise os aspectos humanos, relacionais e estéticos é indispensável ao exercício do magistério”. Seguindo essa linha de raciocínio, Ribeiro (2010, p. 404) acrescenta, “estudos garantem que a afetividade é importante para a aprendizagem cognitiva dos alunos, pois é pela via afetiva que a aprendizagem se realiza”. Por esse motivo, Saint-Laurent, Giasson e Royer (1990) afirmam que o educador não pode negligenciar a afetividade na relação educativa. Para Borges e Souza (2002, p. 33), “temos que ser especialistas em saber cuidar

das crianças de 0 a 6 anos, sabendo que esse processo exige profissionalismo e conhecimento, pois já aqui também temos objetivos pedagógicos a serem atingidos”. Além disso, a afetividade nos ambientes escolares também é muito pertinente na hora de executar o planejamento das atividades, pois com base nela as chances do sucesso nesse processo são maiores. Ostetto (2002, p. 190) ressalta que:

Não adianta ter um *planejamento bem planejado*, se o educador não constrói uma relação de respeito e afetividade com as crianças; se ele toma as atividades previstas como momentos didáticos, formais, burocráticos; se ele apenas age/atua, mas não interage/partilha da aventura que é a construção do conhecimento para o ser humano.

Nessa mesma direção, podemos acrescentar que o pedagógico não está na atividade em si, mas na postura de interação humana e abertura do educador, uma vez que “não é a atividade em si que ensina, mas a possibilidade de interagir, de trocar experiências e partilhar significados é que possibilita às crianças o acesso a novos conhecimentos”. (MACHADO, 1996, p. 191-192). Tudo indica que não podemos relacionar o pedagógico somente àquelas atividades dirigidas ou coordenadas pelo educador, pois engloba o que se passa nas trocas afetivas, em todos os momentos da rotina com as crianças, bem como nos momentos de higiene, alimentação, hora de dormir e em todos os tempos e momentos escolares. Na definição do que é pedagógico é preciso levar em consideração a forma como tudo isso é feito. Cabe ao educador estabelecer vínculos afetivos e emocionais, mas é preciso que a criança esteja segura e sinta-se acolhida e confortada em relação ao processo de adaptação. Saber ser sensível em relação ao outro, preparar e criar elos, ambientes atrativos e saber acolher a criança são algumas das disposições e saberes necessários ao educador no processo de adaptação escolar.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Para análise e compreensão dos dados o conteúdo foi agrupado por similaridade de expressões, analisando, comparando e interpretando as respostas obtidas com o questionário e utilizando alguns gráficos. Nessa sessão, apresenta-se a discussão dos dados, referentes às respostas dadas pelas participantes ao questionário proposto, relacionando com os estudos de alguns pesquisadores sobre o tema. Serão utilizadas as abreviações P1, P2, P3 e assim sucessivamente, para analisar as respostas das educadoras da escola.

Inicialmente serão descritas informações importantes sobre a formação e o tempo de atuação das educadoras e, logo após, serão contextualizados os resultados da pesquisa. Na rede de escolas de Educação Infantil da cidade de Canoas/RS, das 15 educadoras que responderam ao questionário proposto duas (2) possuem formação em nível Superior, cinco (5) são estudantes do curso de Pedagogia, quatro (4) possuem formação no Magistério e quatro (4) possuem o curso de professor assistente, conforme mostra a Figura 1.

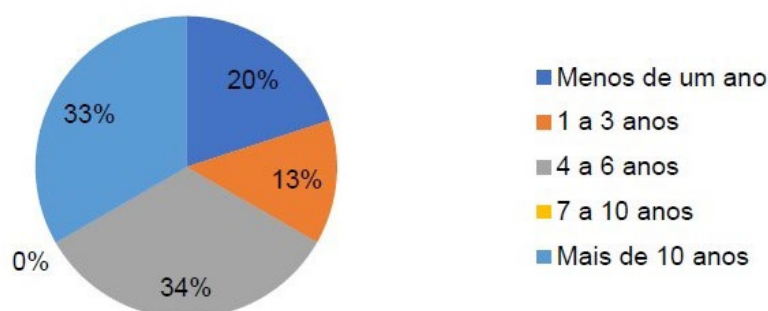
Figura 1: Percentual de formação das Professoras



Fonte: elaborado pelas autoras a partir de dados da pesquisa, 2018.

Quanto ao tempo de trabalho na Educação Infantil, doze (12) educadoras trabalham há mais de um ano e três (3) há menos de um ano, conforme mostra a Figura 2.

Figura 2: Percentual do tempo de atuação das professoras na Educação Infantil



Fonte: elaborado pelas autoras a partir de dados da pesquisa, 2018.

Nota-se que as escolas de Educação Infantil possuem um maior número de educadoras em formação, porém, a maioria já atua na área há mais de um ano. Também, observa-se pelas respostas do questionário que todas consideram a afetividade fator importante na adaptação da criança.

Questionadas sobre quais atividades são mais indicadas para o período de adaptação, sete (7) educadoras optam por atividades mais lúdicas, utilizando músicas, histórias contadas, brincadeiras e joguinhos com brinquedos, peças de montar e encaixar. “Nesse momento de adaptação, depende muito da reação das crianças ao ingressar na escola, pois muitos demoram para se adaptar. Uma das atividades que se pode incluir nessa etapa é as atividades lúdicas, além de jogos, brinquedos etc.” (P2), relata uma das educadoras. A melhor forma de estabelecer um vínculo duradouro com as crianças é por meio de atividades lúdicas, visto que quando as educadoras decidem entrar na brincadeira, o interesse da criança pela atividade aumenta e ela se sente reconhecida e parte do ambiente escolar. Assim sendo, as educadoras citam as brincadeiras e os jogos como uma possibilidade metodológica para o período de adaptação.

Na resposta do restante das educadoras que participaram da pesquisa, encontramos indicações como: rodinha de conversa, visita pelas dependências da escola e pracinha, além de três (3) participantes evidenciarem a importância do planejamento. “É importante que o professor tenha um planejamento. Não significa que não possa ser mudado... As atividades para esse período seriam roda de conversa, brincadeiras no pátio e pracinha, onde as crianças gostam bastante. Além disso, muito carinho e acolhida” (P13).

Em relação a como deve ser a recepção às crianças, todas as educadoras foram unânimes em destacar a importância da afetividade. A relação educador e educando precisa ser constituída para além do conhecimento técnico-científico, englobando também as emoções e interações afetivas com a criança: “Na recepção tem que existir muito carinho e compreensão. Colinho, abraços e beijinhos são sempre bem-vindos...” (P1).

O conceito sobre a relação educador e educando pode ser constatado nos estudos de Almeida (1999, p. 107), ao defender que “as relações afetivas se evidenciam, pois a transmissão do conhecimento implica, necessariamente, uma interação entre pessoas. Portanto, na relação professor-aluno, uma relação de pessoa para pessoa, o afeto está presente”. Nessa relação sócio emocional, conforme mostram as repostas, as educadoras acreditam que a relação afetiva criada entre educador e educando transmite confiança, segurança, respeito e, conseqüentemente, contribui para o processo de adaptação.

A pesquisa mostrou ainda que a despedida tranquila e verdadeira como: “Eu vou embora, mas daqui a pouco

eu volto para te buscar” dos familiares e o ambiente afetivo da escola traz uma maior segurança para as crianças. Podemos perceber isso na resposta dada pela educadora P9 quando diz que a despedida deve ser breve, com os pais falando a verdade, ou seja, deixando claro que a criança ficará na escola e que ao final do dia eles irão buscá-la.

Foi destacado também nas repostas das educadoras que a família é importante estar presente no período de adaptação, segundo as educadoras, a família é corresponsável nesse momento, podendo ajudar a criança a conhecer sua sala e escola, mas, retirando-se em seguida, para não confrontar ou retirar a autoridade da educadora sobre o espaço pedagógico. Conforme Rapoport e Piccinini (2001), a maneira pela qual se realiza essa adaptação influenciará nas reações das crianças. Por esse motivo, é importante que a família esteja presente nesse primeiro contato da criança com a escola para a exploração do novo ambiente e construção das novas relações, aproximações e aprendizagens. O educador precisa despertar na criança o respeito, a confiança e o carinho, para que esta se sinta à vontade para retornar no dia seguinte. Dessa forma, a afetividade aproxima a criança do educador e aumenta seu interesse pela escola e em aprender com os colegas, amigos e professores.

Na questão sobre o que fazer quando a criança chora pela ausência dos pais, as educadoras demonstraram estar seguras das medidas cabíveis a serem tomadas nessa situação. Na opinião das educadoras, é necessário tranquilizar a criança que está chorando com muito carinho e colo, explicando sempre a necessidade de ficar na escola e que em breve os pais irão buscá-la, além de tentar distraí-la com algo de seu interesse, a fim de cessar o choro e suprir a ausência dos pais.

A educadora P13 cita que o choro é uma maneira, muitas vezes, da criança se expressar, pois não está acostumada ou não quer alguma coisa, cabendo ao educador confortar e tentar conversar, oferecendo atrativos que venham aos poucos distrair a criança e tornar aconchegante e familiar o ambiente escolar, as professoras e os colegas. De acordo com Rapoport e Piccinini (2001), o espaço escolar se torna estranho para as crianças por ser diferente do seu ambiente familiar e, a partir desse estranhamento, as crianças podem reagir de várias maneiras como o choro, por exemplo. O papel da família para a educadora P10 é: “[...] de suma importância, pois é a família que irá passar a confiança necessária para a criança se adaptar da melhor forma”. Na visão da educadora P15, “O papel da família é muito importante, pois deve passar segurança para a criança e estar animada com a escola para que a criança sinta isso desde a entrada na escola”.

Desse modo, as educadoras consideram muito importante a participação da família nesse período em que as crianças começam a frequentar a Educação Infantil, na perspectiva de tranquilizá-las, transmitindo segurança. Segundo Novaes (2003), existe ansiedade para a adaptação das crianças por parte de todos os envolvidos. Dessa forma, para que a família se sinta mais confiante, a escola precisa possibilitar tempo e espaço para ouvir e sanar suas incertezas, inseguranças e dúvidas.

Os dados coletados em interlocução com autores dessa área de pesquisa trouxeram grandes contribuições na articulação das teorias com as práticas escolares cotidianas, pois foi possível perceber com as respostas das educadoras a importância da afetividade no processo de adaptação ao ambiente escolar. Ainda que algumas professoras não tenham uma experiência muito longa na área da Educação Infantil, a maioria tem um (re) conhecimento do período de adaptação, demonstrando ciência da importância da afetividade no ambiente escolar e na relação educador e educando.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir esse estudo voltamos à questão inicial da pesquisa na tentativa de estabelecer algumas reflexões finais sobre a questão que nos inquietava no início da pesquisa, a saber: qual a relação entre o grau de afetividade do professor com a criança e o tempo de duração do processo de adaptação e reconhecimento mútuo? O objetivo

do estudo consistiu em investigar a influência da afetividade na relação educador e educando no processo de adaptação em escolas de Educação Infantil. Buscamos, para fundamentar a nossa investigação, referências em autores que abordam temas relacionados à relação afetiva, planejamento, aprendizado e adaptação de crianças na Educação Infantil.

Os resultados da pesquisa apontam que é necessário dedicar no momento da chegada da criança na Educação Infantil um tempo e uma atenção individualizada para ajudar a estabelecer uma relação emocional e de vínculo interpessoal com a criança e as respectivas famílias. Evidenciamos no estudo que após essa fase de adaptação, a educadora pode ser vista também como uma figura de apego. Nessa perspectiva, as crianças sentem-se seguras e afetivamente ligadas à educadora, o que facilita o processo de adaptação escolar.

Além disso, a escola é um dos grupos de interação social mais importante na vida das crianças, assim, em momentos de adaptação, a escola precisa estar articulada para a realização de atividades que demonstrem afetividade, flexibilidade e compreensão com seus novos educandos. Também, a afetividade nos ambientes escolares é muito pertinente na hora de executar o planejamento das atividades, pois com base nela as chances do sucesso nesse processo são maiores. Dessa forma, cabe ao educador estabelecer vínculos afetivos e desenvolver a inteligência emocional com a turma, para que a criança esteja segura e sinta-se acolhida em relação ao processo de adaptação. Saber ser sensível em relação ao outro, preparar e criar elos afetivos e amorosos, ambientes atrativos e saber acolher a criança são essenciais às disposições e saberes necessários ao educador no processo de adaptação escolar.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ALENCASTRO, Clarice Escobar de. **As relações de afetividade na educação infantil**. Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009. 34p. Disponível em: <<http://peadgravatai9.pbworks.com/f/afetividade.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2018.
- ALMEIDA, A. R. S. A emoção e o professor: um estudo à luz da teoria de Henri Wallon. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 13, n. 2, p. 239-249, maio/ago.1997.
- ALEXANDRE, D.T.; VIEIRA, M.L. Relação de apego entre crianças institucionalizadas que vivem em situação de abrigo. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 9, n. 2, p. 207-217, mai./ago. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v9n2/v9n2a07.pdf>>. Acesso em: 28mar. 2018.
- BASSEDAS, Eulália; HUGUET, Teresa; SOLÉ, Isabel. **Aprender e ensinar na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- BORGES, Maria Fernanda S. Tognozzi; SOUZA, Regina Célia de (org.) **A práxis na formação de educadores de Educação Infantil**. Rio de Janeiro: DP & A, 2002.
- BOWLBY, Jonh. **Apego e perda**: apego. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- BOWLBY, Jonh. **Cuidados maternos e saúde mental**. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- BRETHERTON, I., McNew, S.; BEEGHLY-SMITH, M. Conhecimento antecipado pessoa como expresso na comunicação gestual e verbal: quando é que as crianças adquirem uma “teoria da mente?” In: LAMB, M.E.; SHERROD, L.R. (Eds.). **Infantil cognição social**: considerações teóricas e empíricas.Hillsdale, New Jersey: Erlbaum, 1981.p. 333-373.
- CODO, Wanderley. **Educação**: carinho e trabalho. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- DAVINI, Juliana; FREIRE, Madalena (Org). **Adaptação**: pais, educadores e crianças enfrentando mudanças. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1999.

- MACHADO, M. L. A. Educação infantil e sócio-interacionismo. In: OLIVEIRA, Z. M. R. (org.). **Educação Infantil, muitos olhares**. São Paulo: Cortez, 1996.
- MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- NUNES, M.F.R. **Educação infantil no estado do Rio de Janeiro**: um estudo das estratégias municipais de atendimento. 2005. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- OSTETTO, Luciana Esmeralda (org.). **Encontros e encantamentos na educação infantil**. 2. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2002.
- PIAGET, Jean. **Intelligence and affectivity**: their relationship during child development. Annual Reviews, Palo Alto-CA, ed.USA, 1981.
- PIAGET, Jean. **Psicologia e Pedagogia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- RAPOPORT, Andrea; PICCININI, Cesar Augusto. O ingresso e adaptação de bebês e crianças pequenas à creche: alguns aspectos críticos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 81-95, 2001.
- RAPOPORT, Andrea. **Adaptação de bebês à Creche**: a importância da atenção de pais e educadores. Porto Alegre: Mediação, 2005.
- RAPOPORT, A. et al. Adaptação de crianças ao primeiro ano do ensino fundamental. **Educação**, Porto Alegre, v. 31, n. 65, p. 268-273, Set./Dez. 2008. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/484/340>>. Acesso em: 28 mar. 2018.
- RIBEIRO, Marinalva Lopes. A afetividade na relação educativa. **Estud. psicol. (Campinas)**, v. 27, n. 3, p. 403-412, Sept. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2010000300012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 mar. 2018.
- SAINT-LAURENT, L; GIASSON, J.; ROYER, E. Stabilité affective et rendement scolaire. **Vie Pédagogique**, n. 68, p. 37-40, 1990.
- SILVA, Ana Paula Oliveira da; KAMIANECKY, Mychele. **Um olhar entre o saber e o sentir**. Trabalhando com a afetividade na escola. Porto Alegre: Colégio La Salle São João, 2005.